



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

JÉSSICA BARBOSA DE AQUINO – 20180158037

**CASO ANA SOPHIA NO JORNALISMO POLICIAL DA TV RECORD – UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DA PRODUÇÃO DO EFEITO DE ESPETACULARIZAÇÃO
NO CIDADE ALERTA**

João Pessoa -PB

2023

JÉSSICA BARBOSA DE AQUINO – 20180158037

**CASO ANA SOPHIA NO JORNALISMO POLICIAL DA TV RECORD – UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DA PRODUÇÃO DO EFEITO DE ESPETACULARIZAÇÃO
NO CIDADE ALERTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva

João Pessoa - PB

2023

JÉSSICA BARBOSA DE AQUINO – 20180158037

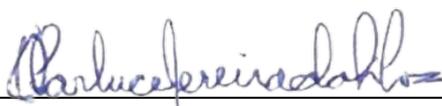
**CASO ANA SOPHIA NO JORNALISMO POLICIAL DA TV RECORD – UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DA PRODUÇÃO DO EFEITO DE ESPETACULARIZAÇÃO
NO CIDADE ALERTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

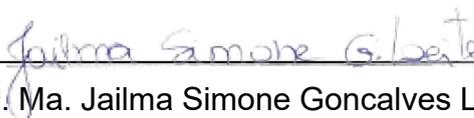
Orientadora: Prof^a. Dra. Marluce Pereira da Silva

Data de Aprovação: 06 / 11 / 23

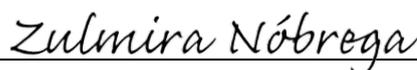
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Marluce Pereira da Silva



Prof^a. Ma. Jailma Simone Gonçalves Leite



Prof^a. Dra. Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A657c Aquino, Jessica Barbosa de.

Caso Ana Shopia no jornalismo policial da TV RECORD
- uma análise discursiva da produção do efeito de
espetacularização no Cidade Alerta / Jessica Barbosa de
Aquino. - João Pessoa, 2023.

55 f. : il.

Orientação: Marluce Pereira da Silva.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Telejornalismo. 3.
Jornalismo sensacionalista. 4. Jornalismo - Análise de
discurso. 5. Cidade Alerta (Programa TV). I. Silva,
Marluce Pereira da. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir essa tão grande conquista. As misericórdias dele na minha vida têm me sustentado, toda honra e glória ao meu pai celestial.

Ao meu pai terreno, “Seu Vandinho”, agradeço por ele ter cuidado tão bem de mim, seus ensinamentos moldaram meu caráter, mesmo ele não tendo estudado, sempre me incentivou a estudar. Seu discurso de que só a educação mudaria meu futuro ficou impregnado em mim e aqui estou eu, colhendo os frutos.

Agradeço a minha irmã, Gesilaine, a pessoa que sempre está ao meu lado dando suporte em tempos bons e em tempos difíceis.

À minha orientadora Marluce, obrigada pela paciência e por me guiar nessa jornada, sua ajuda foi muito importante para a conclusão desse trabalho.

Às professoras da banca examinadora, a Prof^a. Ma. Jailma Simone Goncalves Leite e Prof^a. Dra. Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho, obrigada pelo carinho e pela consideração em aceitar tão prontamente nosso convite para a avaliação.

E por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido, valeu Jessiquinha!

RESUMO

Desde que chegou ao Brasil, a televisão ganhou um lugar de destaque na sala e no coração dos brasileiros. A prova disso é que mesmo com a popularização do computador e smartphone, um estudo produzido pela Kantar IBOPE Media, em 2022, atestou que o tempo médio de consumo nacional é de 5h17min por dia assistindo à TV linear. Conseqüentemente, o telejornalismo tem uma grande fatia desse tempo dedicado em frente à TV e produz discursividades que são absorvidas diariamente pela audiência. Adotando uma linha editorial policial sensacionalista, o telejornal Cidade Alerta divulga fatos chocantes e misteriosos os mais diversos. Ao noticiar o desaparecimento de uma criança residente numa cidade da paraíba chamou atenção de todo o país. A partir desse episódio, definimos como objetivo geral dessa monografia compreender a elaboração do discurso do telejornal Cidade Alerta da Rede Record de Televisão, na produção de sentidos de espetacularização sobre o caso Ana Sophia. Usamos como corpus da pesquisa, o material midiático produzido pelo programa nas edições dos dias 11, 12 e 13 de julho de 2023. À luz da Análise de Discurso francesa como metodologia e, utilizando outras orientações de teóricos do jornalismo e sociais, apontamos como resultado preliminar que Cidade Alerta produz sentidos de espetacularização, utilizando diversos elementos, como dramatização, falas opinativas e a exposição demasiada do fato e das pessoas envolvidas. Além disso, a fala do apresentador do programa instaura um tom acusatório à família de Sophia, transformando-os em suspeitos de um júri social.

Palavras-chave: telejornalismo; sensacionalismo; espetacularização; análise do discurso; Cidade Alerta.

ABSTRACT

Since arriving in Brazil, television has gained a prominent place in the living rooms and hearts of Brazilians. Proof of this is even with the popularization of computers and smartphones, a study produced by Kantar IBOPE Media in 2022, attested that the average national consumption time is 5h17min per day watching linear TV. Consequently, television journalism has a large share of this time dedicated in front of the TV and produces discourses that are absorbed daily by the audience. Adopting a sensationalist police editorial line, the news program “Cidade Alerta” reports on the most diverse shocking and mysterious facts. When reporting the disappearance of a child from a city in the State of Paraíba, it caught the attention of the entire country. From this episode onwards, we set the principal objective of this monograph is to understand the elaboration of the speech of the news program “Cidade Alerta” on Rede Record de Televisão, in the production of meanings of spectacularization about the Ana Sophia’s case. We used as the research corpus the media material produced by the program in the editions of the 11th, 12th and 13th of July. In the light of French Discourse Analysis as a methodology and, using vast bibliographical research, we obtained a preliminary result that “Cidade Alerta” produces senses of spectacularization using different elements, such as dramatization, opinionated speeches and excessive exposure of the fact and the people involved. Furthermore, the presenter's speech establishes an accusatory tone towards Sophia's family, transforming them into suspects in a social jury.

Keywords: telejournalism; sensationalism; spectacularization; discourse analysis; Cidade Alerta.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 POR QUE O CASO ANA SOPHIA?	9
2. A TV E O TELEJORNALISMO	11
2.1 OS PRIMEIROS TELEJORNAIS BRASILEIROS	13
2.2 O CIDADE ALERTA	16
2.3 FUNÇÕES SOCIAIS DO JORNALISMO E DA TV	17
3. MÍDIA SENSACIONALISTA	20
3.1 O EFEITO DE ESPETACULARIZAÇÃO	23
3.2 JORNALISMO POLICIAL DO CIDADE ALERTA	25
4. METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO	28
4.1 A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA.....	28
4.2 O INTERDISCURSO	33
4.3 A FORMAÇÃO DISCURSIVA	34
4.4 O CONCEITO DE IDEOLOGIA	35
4.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.6 O CORPUS.....	38
5. ANÁLISE DISCURSIVA DO MATERIAL MUDIÁTICO	39
5.1 CIDADE ALERTA - EDIÇÃO DO DIA 11/07/2023.....	39
5.2 CIDADE ALERTA - EDIÇÃO DO DIA 12/07/2023.....	44
5.3 CIDADE ALERTA - EDIÇÃO DO DIA 13/07/2023.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Programas telejornalísticos de teor majoritariamente policial ocupam uma posição consolidada na mídia. A produção discursiva do efeito de sensacionalismo, dramatização e a exposição excessiva da vida de terceiros, tem se mostrado uma fórmula eficaz para cativar a cada dia números maiores de espectadores.

Neste tipo de jornalismo, a parcialidade parece ser um elemento importante para que haja a constituição da confiança entre o jornal e a audiência, pois, neste caso, o público parece querer ver um representante em tela que fale o que ele pensa, defenda o que ele quer e aja como um vigilante atento às mazelas sociais que acometem a população, sobretudo, a classe trabalhadora, que é a maior parte do público que consome esse tipo de jornal.

O bom jornalismo, no entanto, deve ser ancorado em pilares de busca pela verdade, realismo, credibilidade, humanização do relato e ética profissional (Traquina, 2005). Na vida real, nem sempre será possível obter um final feliz ou um final interessante que agrade quem acompanha a história como é mostrado na TV. Com a tendência de dramatizar a vida cotidiana, nos telejornais o homem tem sido ator e plateia do espetáculo humano (Debord, 1997).

Diante disso, o objetivo geral dessa monografia é compreender a elaboração do discurso do telejornal Cidade Alerta da Rede Record de Televisão, na produção de sentidos de espetacularização sobre o caso Ana Sophia. Os objetivos específicos consistem em problematizar o uso do sensacionalismo na editoria do Cidade Alerta; identificar os enunciados do programa que produzem sentidos especulativos sobre o caso e interpretar as discursividades que produzem sentidos de acusação, conferindo ao telejornal o lugar de legislador e juiz social.

Apesar da popularização da internet e do surgimento das novas plataformas de streaming de filmes e séries, 78,7% do tempo do consumo domiciliar no Brasil em 2022, foi dedicado à televisão linear, ou seja, TVs aberta e paga. Essa informação foi constatada pelo Inside Video¹, um estudo produzido pela Kantar IBOPE Media, o qual analisa o comportamento e o consumo de vídeo da população em diversas telas e plataformas. Ainda de acordo com o estudo, o tempo médio de consumo nacional é de

¹ Ver mais: <https://kantariopemedia.com/conteudo/conteudo-em-video-alcanca-996-dos-brasileiros/>. Acesso em 28 set. 2023.

5h17min por dia assistindo à TV linear, o que representa mais de 30% do tempo em que uma pessoa fica acordada.

Com base nesses dados, é correto afirmar que a televisão ainda exerce forte influência sobre a população brasileira. Dedicar tempo a pesquisas sobre as discursividades produzidas pela TV é de suma importância, tendo em vista que os efeitos de sentidos expressos por algumas dessas discursividades podem moldar, diretamente, a opinião do público e construir consensos no imaginário dos telespectadores. Ainda mais se as pessoas estiverem expostas a conteúdos com o teor de morte, crimes e violência.

Esse trabalho será dividido em seis capítulos. A introdução, discorre sobre a importância dessa monografia, os objetivos que se pretende alcançar e elucida os motivos pelos quais se deu a escolha do tema. No segundo capítulo abordaremos rapidamente a história da televisão, dos telejornais no Brasil, falaremos especificamente sobre o programa Cidade Alerta e a função social do jornalismo e da TV. No capítulo seguinte, trataremos sobre sensacionalismo, espetacularização e a exposição demasiada da vida alheia no telejornalismo. No quarto capítulo vamos expor a metodologia escolhida para nortear a pesquisa, seus conceitos e procedimentos metodológicos. No capítulo cinco faremos a análise propriamente dita e no último capítulo serão expostas as conclusões obtidas.

1.1 POR QUE O CASO ANA SOPHIA?

Em minha experiência como estagiária de jornalismo, em uma televisão paraibana, deixei minha parcela de contribuição ao jornalismo policial local. No início do meu estágio, o contato com tantos crimes chocantes me deixava impactada e, por vezes revoltada com o fato de que estávamos, de certa maneira, nos beneficiando com os infortúnios sociais. Depois de um tempo, aquilo parece virar parte da rotina, ainda comove, mas o frenesi diário da notícia é tão intenso que não sobra muito tempo para o profissional refletir sobre consequências do discurso que ele produz.

Em um desses raros momentos de reflexão, o caso do desaparecimento da menina Ana Sophia me envolveu em um misto de questionamentos: Será que é correto explorar a dor dos familiares dessa maneira? Por que estamos fazendo juízo de valor sobre certas pessoas? Quanto mais o tempo passava sem respostas sobre o que havia

acontecido com Sophia, mais havia especulação e dramatização nos veículos de comunicação. Jornais como Cidade em Ação da TV Arapuan, O Povo na TV da emissora TV Tambaú e O Povo na Band da TV Band Manaíra, construíram discursividades sobre o caso.

Ana Sophia Gomes dos Santos de 8 anos, foi vista pela última vez no dia 4 de julho de 2023, no distrito de Roma onde morava com a família, em Bananeiras-PB. Desde então, o que parecia ser mais um caso policial em uma cidade do interior, tornou-se uma trama cheia de mistério e reviravoltas.

Ao final da primeira semana de buscas por Sophia, a notícia rompeu a bolha do jornalismo paraibano e ganhou proporções nacionais quando foi apresentada no programa telejornalístico Cidade Alerta da TV Record. O que chamou muito minha atenção, tendo em vista que a editoria de jornais nacionais tende a dar prioridade aos fatos ocorridos no eixo sul-sudeste. Não é sempre que uma notícia da região Nordeste, sobretudo, no interior do estado paraibano, ganha tanto destaque.

Além disso, a TV Record conta com uma afiliada na Paraíba, a TV Correio. Seria mais prático que, a TV Correio fizesse a cobertura do caso. No entanto, houve um interesse significativo por parte da equipe do Cidade Alerta em realizar uma cobertura exclusiva. Desta feita, enviaram uma repórter especial de São Paulo para o distrito de Roma em Bananeiras, a fim de acompanhar os desdobramentos do caso em primeira mão.

Com toda comoção nacional a respeito do fato, interpretar as discursividades produzidas sobre o caso me pareceu muito interessante a fim de compreender ainda mais a produção de sentidos que o telejornalismo policial promove, área em que pretendo continuar trabalhando na minha vida profissional como jornalista.

2 A TV E O TELEJORNALISMO

Para dar início a este trabalho, no qual pretende analisar as discursividades emitidas por um telejornal, é necessário primeiramente contextualizar a chegada a televisão ao Brasil já que ela é o suporte pela qual os telejornais são transmitidos e, fazer uma abordagem sobre o percurso do telejornalismo no Brasil. A chegada da TV ao Brasil se mistura bastante com o início do telejornalismo brasileiro, de maneira que as duas histórias parecem uma só, pois ambas nasceram praticamente juntas.

Os anos 50 promoveram uma verdadeira revolução na comunicação brasileira. Em 18 de setembro de 1950 foi inaugurada a PRF-3/TV Tupi, correspondente ao canal 3 em São Paulo. A transmissão era realizada para um pouco mais de 100 aparelhos de televisão na capital paulista. A primeira estação da América do Sul e a quarta do mundo, idealizada por Assis Chateaubriand, paraibano procedente do interior do estado, uma cidadezinha chamada Umbuzeiro.

Um dia após a sua inauguração, em 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmite o primeiro telejornal do país chamado de “Imagens do dia”, que como o próprio nome sugere, mostrava imagens sem nenhum tipo de edição dos fatos que haviam ocorridos durante o dia, tudo rudimentar e sem o formato do telejornalismo tal qual como conhecemos hoje.

Desde então, a televisão passou fazer parte do país, não havendo possibilidades de falar sobre TV sem falar sobre a história do Brasil (Bucci, 2000). Esse lugar significativo da televisão com a história brasileira começa com o valor que é instituído ao aparelho dentro das casas. Piccinin (2008), enfatiza que a TV é sempre colocada no melhor lugar da casa, a sala, onde todos podem enaltecê-la. Além disso, ela ocupa o lugar mais privilegiado da estante.

Perseguindo esse pensamento de prestígio do aparelho, a aquisição de tal bem é importante nos lares brasileiros. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua sobre o módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC, realizada em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE², constatou que dos quase 73 milhões de domicílios particulares permanentes do Brasil, em 95,5% havia televisão. Além disso, a pesquisa aponta para

² Ver mais em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf . Acesso em 27 out. 2023.

um crescimento da aquisição de televisores mais modernos, as chamadas Tvs de tela fina e uma diminuição do número de Tvs de tubo. Outro fator observado é o aumento dos domicílios que possuem sinal digital de TV aberta, como mostra a figura:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019/2021.

Perante essas informações, é possível perceber que além da maioria das casas brasileiras ter acesso a um aparelho de TV, os lares estão acompanhando a modernidade buscando as televisões de tela fina para acompanhar os programas transmitidos por canais abertos e pagos.

Ramonet (1999), ressalta que a televisão além de representar a primeira mídia que promove o lazer, ela também assume a vanguarda midiática na informação. Como sendo pioneira nesse ramo, consequentemente, ela vai ditar as normas, fazendo com que os outros meios de comunicação se submetam a essas normas, especialmente a imprensa escrita:

Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta idéia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (Ramonet, 1999, p. 26-27).

Esse fascínio pela imagem, que discorre Ramonet, pode ser o ponto chave para a explicação do motivo pelo qual os brasileiros gostam tanto de assistir ao que é transmitido pela televisão. Outros autores evidenciam a teoria de que o próprio meio já é a mensagem. João Rodolfo Prado destaca que “o importante não é o que se vê na televisão, mas o próprio ato de vê-la” (Prado, 1973, p.21). Meyersohn completa observando que “os telespectadores parecem divertir-se com o brilho e o fluxo, não

importando que se apresente um anúncio, um filme cômico de segunda classe ou um antigo ‘western’” (Meyersohn, 1973, p.402).

Além da tese “o meio é a mensagem”, Rezende (2000, p.24) elenca outros fatores que, de acordo com o autor, foram determinantes para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que no restante do mundo, são eles: “a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia”.

2.1 OS PRIMEIROS TELEJORNAIS BRASILEIROS

O modelo de telejornalismo adotado pelos brasileiros, de acordo com Piccinin (2008) é o que remota ao usado nos Estados Unidos, a cartilha americana como ela chama, advém da escola do jornalismo “clean”, onde impera os mitos da imparcialidade e objetividade. A autora explica que além desse modelo, havia também o que era praticado na Europa, um jornalismo partidário, engajado e analítico, na direção oposta do jornalismo norte-americano. Citando Mattos (2000, p.126), Piccinin (2008) aponta que “desde seu advento, na década de 50, a televisão brasileira tem sofrido a influência americana, tanto na estrutura comercial como na produção importada dos Estados Unidos não apenas programas, mas ideias, temas, roteiros e técnicas administrativas”.

Seguindo esse modelo que defende a imparcialidade e objetividade como verdades absolutas, diversos telejornais foram criados no Brasil. Em 1952, estreou na TV Tupi o noticiário ‘Telenotícias Panair’, com edições diárias transmitidas às 21 horas.

Ainda no ano de 1952, nascia o telejornal ‘Repórter Esso’. O jornal já tinha audiência consolidada no rádio e foi transmitido na televisão no dia 1 de abril de 1952 pela TV Tupi do Rio de Janeiro. Em 1953 ele também passa a ser transmitido pela TV Tupi de São Paulo. Por quase 20 anos, a frase “Aqui fala seu Repórter Esso – testemunha ocular da história” mobilizou diversos brasileiros para assistir a TV. O ‘Repórter Esso’ carregava o formato radiofônico de informar em sua linguagem e apresentava poucas imagens nas edições, por causa da dificuldade em conseguir imagens em tempo hábil. Apesar disso, ele foi referência no telejornalismo brasileiro durante muito tempo e, foi o primeiro telejornal a fazer parceria com agência de notícias internacional.

Barbosa Lima (1985) enfatiza que no início do telejornalismo no Brasil, “todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador” (Lima, 1985, p. 9). Nessa fase inicial do telejornalismo no Brasil, a linguagem dos telejornais era completamente influenciada pela linguagem do rádio, afinal, os profissionais que faziam jornalismo, estavam acostumados a trabalhar com rádio e jornal impresso, (Rezende, 2000). Como destaca Furtado (1988), a televisão no Brasil “era totalmente baseada na fala, com pouca visualização” (Furtado, 1988, p.60).

Nos anos 60, as emissoras começam a intensificar a produção dos telejornais em sua grade de programação. A chegada do videoteipe, um equipamento que permite a gravação das imagens para serem exibidas em fitas VHS, muda completamente a forma de fazer telejornalismo na época, pois a maioria do conteúdo era exibido ‘ao vivo’, com o recurso da gravação disponível os produtores poderiam fazer reportagens especiais. O videoteipe foi encomendado especialmente para gravar a inauguração da nova capital do Brasil, Brasília. De acordo com Lima (1985), durante esse período, o telejornalismo “[...] entrava numa fase de grande criatividade e expansão intelectual” (Lima, 1985, p.10).

Em 1962, na TV Excelsior, estreava o ‘Jornal de Vanguarda’, que trouxe muitas inovações para o telejornalismo brasileiro, como elenca Rezende (2000):

A principal foi a participação de jornalistas como produtores e – acontecimento inédito – como apresentadores das notícias cronistas especializados: Newton Carlos, Villas-Bôas Correia, Millor Fernandes, João Saldanha, Gilda Muller e Stanislaw Ponte Preta (com seus comentários satíricos sobre a realidade brasileira), entre outros. (Rezende, 2000, p.107).

Além de incorporar jornalistas na produção e apresentação, o ‘Jornal de Vanguarda’, também trouxe para a equipe Luís Jatobá e Cid Moreira, vozes que marcaram a locução do jornal. Esse conjunto de mudanças garantiram ao programa uma grande audiência no período em que esteve no ar. Inclusive em 1963, o telejornal ganhou na Espanha, o prêmio “Ondas” na categoria de melhor telejornal do mundo. Com o golpe de 1964, a produção do ‘Jornal de Vanguarda’ decidiu retirar o programa do ar. Muitos retrocessos foram instituídos no telejornalismo neste período, um deles foi o de substituir os jornalistas por locutores, os quais apenas liam os textos. (Rezende, 2000).

Esse formato de locução das notícias na TV, voltou a se assemelhar mais uma vez com a linguagem do rádio e, desperdiçava o maior potencial da televisão que segundo Rezende (2000), era a imagem. Beltrão enfatiza que:

Esta forma de expressão da TV – pela imagem e só subsidiariamente pela palavra – é que tem sido ignorada pelos editores do telejornalismo brasileiro, reduzido a um rádio jornalismo televisado pela leitura de notícias ou a um misto de jornalismo falado, impresso e cinematográfico. (Beltrão, 1967, p.1003).

No final dos anos 60, surge o Jornal Nacional, da Rede Globo. No ar desde 1969 ele é o telejornal mais antigo em exibição no Brasil. Em 1973, a emissora lança o programa “Fantástico – O Show da Vida”, o qual é responsável por consolidar o “padrão global” nos programas da emissora e é exibido até os dias atuais, combinando jornalismo e entretenimento.

Os investimentos em tecnologia e o aprimoramento da programação, fizeram com que a Rede Globo se estabelecesse como sendo uma forte produtora de conteúdo jornalístico na televisão brasileira. O pioneirismo da emissora em muitos aspectos fez com que, conseqüentemente, a Rede Globo acabasse ditando regras do fazer jornalístico no país, influenciando diversos jornais da época e estendendo essa influência até os dias atuais.

Além disso, o horário escolhido para o Jornal Nacional, também foi um fator determinante para o sucesso da atração, segundo Rezende (2000). Estrategicamente posicionado entre duas novelas, o objetivo da produção era garantir o público feminino na audiência, método que ultrapassou os anos e se mostra eficaz até hoje.

De acordo com Rezende (2000), a Rede Globo conseguiu sanar uma questão antiga no telejornalismo brasileiro, que era unir o texto à imagem, tornando o formato jornalístico mais atraente para a audiência. Ainda em 1970, a Globo criou o “Globo Repórter” com vistas a detalhar assuntos que não caberiam nos telejornais da casa. Seguindo essa linha de raciocínio, foi criado também o “TV Mulher” e o “Globo Rural”.

Com a ditadura militar nos anos 60 e 70, as emissoras de televisão sofriam uma rígida censura. A alternativa para substituir as notícias era colocar programas de entretenimento na programação. Essa realidade só começou a mudar de maneira lenta no início dos anos 80. Em agosto de 1980, Fernando Barbosa Lima cria o “Canal Livre”,

na Bandeirantes. Neste período, a censura ainda não havia acabado completamente e, o 'Canal Livre' tinha um entrevistado do meio político toda semana. O programa ficou no ar até setembro de 1983. (Rezende, 2000). Ainda na década de 1980, para concorrer com a Rede Globo, nasciam o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Manchete do grupo Bloch.

2.2 O CIDADE ALERTA

A primeira edição do telejornal Cidade Alerta foi exibida no ano de 1995. Intercalando períodos de idas e vindas, o programa já foi apresentado por diversas personalidades, sendo as mais conhecidas: José Luiz Datena e Marcelo Rezende. Atualmente o Cidade Alerta é apresentado por Luiz Bacci e vai ao ar de segunda a sábado. Durante a semana a partir das 16h45min e aos sábados às 17h.

Considerado um telejornal de subgênero do jornalismo policial, o programa da Rede Record de Televisão, Cidade Alerta, institui com o público um pacto social de zelar pela vigilância, perseguir o crime e levar a notícia com rapidez e, sendo possível, exclusividade (Oliveira in Gomes, 2011). Essa linha editorial tem garantido ao programa uma audiência consolidada, de acordo com o Kantar Ibope Media³, no período entre 11 de julho a 13 de julho de 2023, o programa Cidade Alerta atingiu cerca de 5,5 pontos de audiência domiciliar. Acompanhar a rotina violenta das grandes cidades, principalmente de São Paulo, é uma marca do telejornal. Apresentando as notícias para além dos critérios de noticiabilidade, enfatizando sensações e teatralizando a vida cotidiana.

O programa costuma inserir em suas edições casos policiais chocantes, grotescos e/ou misteriosos. Elementos importantes na construção de histórias que despertam a curiosidade do público e, conseqüentemente, envolvem a audiência em enredos com início, desenvolvimento e desfecho. O próprio site do telejornal na internet informa que o programa ajuda quem quer “solucionar casos enigmáticos de mortes e desaparecimentos”⁴.

³ Ver mais em: <https://kantariibopemedia.com/conteudo/dados-rankings/dados-de-audiencia-pnt-top-10-com-base-no-ranking-consolidado-10-07-a-16-07-2023/> . Acesso em 27 set. 2023.

⁴ Ver mais em: <https://recordtv.r7.com/cidade-alerta/saiba-mais-sobre-o-programa-cidade-alerta-07102020> . Acesso em 09 out. 2023.

Para quem vê o Cidade Alerta, é notório que, na ausência de informações concretas emitidas por fontes oficiais sobre as investigações dos fatos, o uso de uma linguagem especulativa e sugestiva é, costumeiramente, usada para repercutir os casos. A falta de apuração na informação também pode contribuir para o uso dessa linguagem especulativa e opinativa, sobretudo por parte do apresentador e da figura do comentarista, jornalista investigativo e advogado Percival de Souza.

2.3 FUNÇÕES SOCIAIS DO JORNALISMO E DA TV

A primeira função social do jornalismo é garantir que informação apurada e de qualidade chegue a todos. Conforme atesta o artigo 2º do código de ética dos jornalistas brasileiros:

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por quê:

I - A divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores;

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão;

IV - A prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não governamentais, é uma obrigação social;

V - A obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante. (Fenaj, 2007, p.1).

Essa primeira função é amparada pela constituição federal de 1988, que assegura uma imprensa livre de censura:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística. (Constituição Federal da República Federativa do Brasil, 1988, Art. 220).

Outra função social do jornalismo de extrema importância é a de formar a opinião pública com vistas a conscientizar a população sobre seus deveres e direitos

garantidos por lei, ratificando os valores morais e a democracia (Traquina, 2005). “...os meios de comunicação de massa servem notadamente para reafirmar as normas sociais, expondo os desvios destas normas ao público.” (Lazarsfeld, Merton, in Lima, L.C., 2000, p.118).

Se aliando ao jornalismo em sua missão de informar e “formar”, a mídia assume um papel crucial para fiscalizar as instituições sociais denunciando aquilo que está errado. Mostrar a imagem na televisão de uma instituição ou pessoa que infringiu as normas, tem grandes consequências e pode promover um realinhamento de conduta dentro da sociedade.

E isso graças à capacidade do jornalismo em se instituir como uma forma preponderante de saber-poder. Ao promover a punição da imagem -veredicto impossível para a Justiça-, a mídia consegue adquirir capital simbólico para efetivar-se como instituição reguladora da sociedade contemporânea: aquela que, se não dita as normas de funcionamento das diferentes instituições, no mínimo exige destas o funcionamento que seria o considerado correto. (Mendonça, 2002, p.129 apud Moreira, D., 2006, p.40).

Ao se colocar nessa posição de fiscalizadora, a televisão, como sendo uma instituição dentro da sociedade, acaba se tornando, também, uma “educadora, reguladora e denunciadora, envolvendo o público em questões que precisam de sua mobilização” (Souza, 2009, p.4). Basicamente, a televisão é uma instituição social capaz de controlar a conduta dos indivíduos, conforme discorre Berger e Luckmann:

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis. É importante acentuar que este caráter controlador é inerente à institucionalização enquanto tal, anterior a quaisquer mecanismos de sanções especificamente estabelecidos para apoiar uma instituição ou independentes desses mecanismos. Tais mecanismos (cuja soma constitui o que geralmente se chama sistema de controle social) existem evidentemente em muitas instituições e em todas as aglomerações de instituições que chamamos sociedades [...] (Berger; Luckmann, 1985, p. 79-80).

De acordo com Sodré (2001, p.27) “a imprensa brasileira, por exemplo, tem uma tradição de lutas políticas memoráveis – da abolição da escravatura à derrubada do Estado Novo”. A influência da qual a mídia detém é, historicamente, usada em prol das liberdades fundamentais, tendo em vista que

Os meios de comunicação, principalmente a imprensa, durante vários séculos exerceram um papel importante na denúncia dos abusos do poder, dos atropelos e discriminações de muitos governos e sociedades autoritárias. A

história da imprensa foi, até certo ponto, marcada por essas lutas em prol da democracia e da liberdade de expressão de todos os cidadãos. (Guareschi, 2007 P.14)

O contrato social estabelecido entre a mídia e a audiência, permite que a mídia exerça uma mediação entre o governo e o povo. O público, por sua vez, legitima esse quarto poder por meio da audiência. “A mídia só é poder, por causa dos efeitos causados na sociedade, cuja parte afetada é justamente aquela que se submete à programação televisiva.” (Guareschi, 2007, p.13). A expressão – quarto poder – faz referência aos três poderes já estabelecidos dentro da sociedade o Legislativo, Judiciário e Executivo e se justifica.

Por agir como crítica aos poderes constituídos, como um contra-poder, a imprensa passou a ser chamada de quarto poder e a liberdade de imprensa como algo importante e imprescindível para a garantia da democracia numa sociedade. (Guareschi, 2007, p. 14)

Levando em consideração que o jornalismo formula os discursos disseminados na televisão, os quais – quando realizados de maneira íntegra – garantem uma sociedade mais democrática e justa para todos, é correto afirmar que a instituição do jornalismo é extremamente necessária e que o jornalista, no exercício da função, é um agente construtor da realidade social, por meio da divulgação de notícias, conforme atestam os autores (Assis, 2019; Franzoni; Furtado, 2011; Gadini, 2007; Pereira Júnior; Rocha, 2011; Silva, 2012; Silveira; Marôpo, 2014, Traquina, 2005).

3 MÍDIA SENSACIONALISTA

Considerando as discussões do capítulo anterior referentes à aderência que os brasileiros possuem com relação à televisão e, considerando o poder de massificação de discursividades que o meio midiático detém, é relevante refletir sobre os efeitos de sentidos dessas discursividades que vão auxiliar no processo de formação da opinião de milhões de pessoas. “A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (Bourdieu, 1997, p. 23). Compreender o modo como as notícias são disseminadas e ter consciência sobre as consequências dessas práticas é um exercício social muitas vezes negligenciado.

Telejornais com editoria policial se mantêm populares em muitas emissoras de TV há décadas. Muitas vezes, esses programas oferecem aos telespectadores coberturas excessivas de acontecimentos violentos, como é o caso do telejornal objeto desse estudo, o “Cidade Alerta” da Rede Record. Abordando histórias e situações incomuns com intenso apego emocional, de maneira agressiva e sensacionalista, esses programas despertam na audiência sentimentos diversos. O “Dicionário de Comunicação” define sensacionalismo como:

Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal). (...) 2. Qualquer manifestação literária, artística etc., que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público.

Para Angrimani Sobrinho (1995, p. 16), o sensacionalismo é “a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato.” O autor afirma que “trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso (1995, p. 16).”

Marcondes Filho (1986) descreve o sensacionalismo como um desviante ideológico, ou seja, capaz de alterar as convicções e ideologias dos sujeitos a ele expostos. De acordo com o autor, a prática do jornalismo sensacionalista é a maneira mais radical de mercantilizar as informações. Maneira essa, que apela para as emoções e sentimentalismo dos indivíduos. “No fundo a imprensa sensacional trabalha com as

emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional” (Marcondes Filho, 1986, p. 90). Além disso, Filho elucida que:

O jornal sensacionalista reforça preconceitos sociais (incriminação de menores marginais, de mães solteiras) contra minorias sexuais, contra opositores políticos. Presta-se a perseguir e canalizar ódios coletivos contra grupos minoritários que na sociedade global já sofrem a marginalização estrutural (Marcondes Filho, 1986, p. 90).

Essas características, dentro de um veículo midiático, o tornam passivo de críticas comuns no meio jornalístico, questionamentos que colocam a prova a relevância e a contribuição efetiva de discursos sensacionalistas dentro da sociedade. Em sua obra “Sobre a Televisão”, Pierre Bourdieu, problematiza uma lógica inversamente proporcional da mídia sensacionalista, a questão do tempo versus a relevância, “[...] o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (Bourdieu, 1997, p. 23).

Essa observação realizada por Bourdieu levanta a hipótese da “cortina de fumaça”, uma técnica muito usada pela mídia para abafar notícias que seriam realmente pertinentes de serem divulgadas, mas que, no entanto, não é do interesse de algumas pessoas, geralmente pessoas poderosas, que essas informações sejam levadas a público.

Marcondes Filho complementa destacando que ao adotar esse perfil sensacionalista, a imprensa de televisão não cumpre seu papel fundamental que seria o de informar: “uma imprensa que não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas, caluniadoras, ridicularizadoras das pessoas (1986, p. 89).”

A escolha daquilo que será noticiado é uma etapa significativa, pois ela vai determinar quais discursividades serão evidenciadas, dentro de um contexto social específico e quais serão ignoradas. No telejornalismo, isso fica ainda mais evidente por causa do recurso da imagem. Acredita-se ainda mais naquilo que se vê (Rezende, 2000).

Bourdieu (1997) atesta que “o princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”. (Bourdieu, 1997, p. 25).

Em sua obra “Telejornalismo no Brasil”, citando Umberto Eco, Guilherme Jorge de Rezende, expõe que para a representação de seu discurso, a televisão pode fazer uso de três códigos: o icônico, o sonoro e linguístico. O icônico seria o visual; o sonoro refere-se aos efeitos de áudio, a trilha sonora; por fim, o linguístico diz respeito à língua, a palavra escrita e falada. O autor atesta que a combinação dos três códigos na televisão, passa para a audiência um efeito de legitimação daquilo que está em tela.

À luz desses apontamentos, fica mais nítida a existência de uma imprensa sensacionalista. Ao compreender os mecanismos usados no campo de atuação dessa mídia, é possível analisar as discursividades propagadas e identificar os efeitos de sentido produzidos por essas entidades.

Um jornalismo que trata crimes e violência com vistas a produzir sentidos que levem ao pensamento coletivo reflexivo sobre a problemática, sem que haja propagação de estereótipos e preconceitos seria o ideal. Entretanto não é esse o caminho seguido por grande parte dos veículos de comunicação. A espetacularização dos acontecimentos para atrair a atenção do público é o oposto do que sugere o código de ética dos jornalistas brasileiros. Os interesses mercadológicos tendem a se sobrepor aos objetivos sociais.

É uma lógica simples: o anunciante é o sujeito responsável por manter o jornal funcionando e nenhuma empresa vai anunciar em uma emissora sem audiência e, o público por sua vez, só vai manter a TV ligada em um determinado canal se estiver interessado, atraído pelo conteúdo. Mesmo o jornalismo está sob a influência do mercado, como observa Bourdieu:

O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. E esse campo muito heterônomo, muito fortemente sujeito às pressões comerciais, exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos, enquanto estrutura. (Bourdieu, 1997, p. 77).

3.1 O EFEITO DE ESPETACULARIZAÇÃO

Dando continuidade a lógica mercadológica da informação, Guilherme Rezende (2000) afirma em que: “Movida por essa ideologia do entreter para conquistar maiores níveis de audiência e faturamento, a televisão privilegia a forma do espetáculo” (Rezende, 2000, p. 35). A estrutura do “Cidade Alerta” está pautada no jornalismo policial, onde a sua linha editorial e os conteúdos produzidos são traçados com efeitos de espetacularização e dramatização.

A produção do efeito de espetacularização dos fatos está, intimamente, relacionada com questões econômicas, já que tendo a atenção do público, satisfazendo suas necessidades instintivas, o alcance do veículo de comunicação se expande, conseqüentemente, aumentando os lucros. Debord (1997) é um dos autores que defende essa teoria, “a raiz do espetáculo está no terreno da economia tornada abundante, e é de lá que vêm os frutos que tendem finalmente a dominar o mercado espetacular, apesar das barreiras protecionistas ideológico-policiais, qualquer que seja o espetáculo local com pretensão autárquica” (Debord, 1997, p. 36).

Na sociedade pós-moderna na qual vivemos, a invasão da privacidade dos indivíduos tornou-se algo comum. Sem cometer generalizações, é prudente afirmar que poucas pessoas ainda usufruem do luxo de viver em privacidade total. Onde quer que estejamos existem câmeras. Seja na rua, agências bancárias, lojas, supermercados, instituições de ensino, qualquer lugar público e, principalmente, na propriedade privada, os indivíduos estão sob a mira de uma câmera. Celulares apontam a nossa localização, locais que gostamos de frequentar, carros armazenam informações das rotas que adotamos e, dessa forma, o isolamento tornou-se quase impossível para os seres humanos modernos.

Essa invasão da privacidade humana, também se estende à indústria do entretenimento e ao telejornalismo. O jornalista Neal Gabler elaborou uma tese ancorado nesse pensamento. Na obra “Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade”, ele defende que a indústria do entretenimento transcende o meio de transmissão, (a TV, cinema, teatro, dentre outros) e fura a bolha da realidade humana, moldando e reestruturando a realidade social dos indivíduos. Ou seja, a arte imita a vida e a vida imita a arte.

Em seu livro “A sociedade do espetáculo”, o pensador francês Guy Debord afirma que o “espetáculo é o coração da irrealidade da sociedade real” e que as

sociedades os acumulam: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação” (Debord, 1997, p.13). Em outras palavras, o espetáculo, de acordo com Debord, está ligado a vida humana e na afirmação da aparência, do parecer.

Debord carrega em seu discurso resquícios do pensamento frankfurtiano⁵, o qual aborda a lógica de produção padronizada da cultura. É a chamada indústria cultural, nascida no contexto industrial de fabricação em série, a qual carrega consigo o aspecto mercadológico, ou seja, cultura como mercadoria. Se a intimidade humana é matéria-prima no espetáculo da indústria cultural, o produto final é uma representação da vida embalada para venda, como pontua Morin (1997), “essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo os ectoplasmas de humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma” (Morin, 1997, p. 14).

Apesar de Debord defender que a espetacularização se dá por causa de questões financeiras, e de fato, geralmente a má conduta da mídia tende a estar ligada ao retorno econômico para os empresários. Perseu Abramo (2016) traz em sua obra uma outra teoria que pode explicar o porquê dessa prática. De acordo com ele, o dinheiro por si só, não é o único motivador para a manipulação da informação, pois se assim o fosse, empresários poderiam investir seu capital em quaisquer outros investimentos que são igualmente rentáveis. Além da busca por dinheiro, existe também na indústria de comunicação a busca pelo poder.

A prática de tal conduta fere o código de ética dos jornalistas brasileiros, em seu artigo 2º, inciso I, quando diz que: “A divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.” (Fenaj, 2007, p.1).

Ao abordar as irrealidades construídas pela imprensa, Perseu Abramo (1998) não atribui ao espetáculo a responsabilidade por originar o irreal, ele destaca que essa autoria se dá à manipulação das informações, as quais são realizadas, deliberadamente, para alterar a realidade. Abramo descreve um esquema de

⁵ Ver mais em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/filosofia/escola-de-frankfurt> . Acesso em 29 out. 2023.

divulgação da notícia em três passos, ou como o próprio autor conceitua: os três atos de um espetáculo.

O primeiro ato seria o da exposição do fato, onde o fato é apresentado com menos razão e mais emoção, mais sensacionalista. No segundo, é onde a sociedade fala, com o auxílio de imagens e sons os envolvidos podem se expressar e no terceiro é onde a autoridade resolve, as autoridades competentes podem dizer o que estão fazendo para solucionar a situação.

3.2 JORNALISMO POLICIAL DO CIDADE ALERTA

Crimes, violência e morte são as principais temáticas presentes nas notícias e reportagens do programa Cidade Alerta da TV Record. No entanto, existe uma certa valorização editorial do telejornal para com os crimes chamados de hediondos que são aqueles executados com requintes de crueldade e que causam grande comoção e indignação na população.

O que o Cidade Alerta faz é transformar esses elementos – crimes, violência e morte – em critérios fundamentais de noticiabilidade midiática, pois eles obedecem às mesmas lógicas dos critérios de noticiabilidade convencionais, os princípios de ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo e empatia. São as chamadas *fait divers*⁶. Michaud (2002), enfatiza que:

O fato de a violência se apresentar como uma crise em relação ao estado normal cria, por princípio, uma afinidade entre ela e a mídia. Como podemos constatar, num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou um noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada (...). A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atroz sobre as violências comuns banais e instaladas” (Michaud, 1989, p.49 *apud* Porto, 2002, p.15)

Considerando esse pensamento, pode-se perceber então, que há uma certa relação de dependência do jornalismo sensacionalista policial com a violência, pois sem ela não tem jornal, sem jornal não tem audiência, com a ausência do público os anunciantes vão embora e sem patrocínio a emissora vai a falência. Desta feita, “O

⁶ Ver mais em:

file:///C:/Users/J%C3%A9ssica%20Aquino/Downloads/DialnetFaitDiversUmGeneroDoDiscurso-4791934.pdf . Acesso em 30 out. 2023.

assassinato, o suicídio, o estupro, a vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas” (Sobrinho, 1995, p. 57).

Quando o assunto é morte, por exemplo, fica ainda mais interessante a atração que o público apresenta pela temática. É uma dicotomia difícil de se explicar, ao passo em que muitas pessoas temem a morte e evitam falar a respeito, a morte como um espetáculo interessa indivíduos de todas as classes sociais. E o jornalismo policial sensacionalista garante que o assunto fique em evidência, como pontua Sobrinho (1995, p.53) “o jornal sensacionalista transforma a morte em seu assunto de capa, como se rendesse um culto diário e fetichizado à morte”. Esse fascínio pela temática pode ser mais bem percebido quando se trata do fim da vida de algum artista famoso.

A morte não só é “saboreada como espetáculo”, mas aparece como ato simbólico que garante a integridade do observador. Há várias mortes no jornal sensacionalista: morte “punitiva”, “cômica”, “pitoresca”, “sádica”, “casual”. Nenhuma delas se relaciona com a morte dos filmes e seriados de TV, que é esvaziada pela linguagem signíca. (Sobrinho, 1995, p. 116).

Isto posto, a abordagem discursiva de um evento desses – crimes, violência e morte – dentro de um telejornal como o Cidade Alerta, vai ser determinante na compreensão dos sentidos produzidos. A exposição demasiada da imagem das vítimas, a exploração das emoções dos parentes envolvidos, a aproximação das câmeras para aumentar a carga dramática, e a linguagem descritiva e opinativa vão caracterizar o que se chama de sensacionalismo no jornalismo policial (Souza, 2009). Muitos desses componentes podem ser percebidos no jornalismo do Cidade Alerta.

A problemática em adotar a abordagem sensacionalista em um telejornal policial é de que haveria uma certa veneração velada a temática criminoso no discurso emitido. Em outras palavras, ampliando acontecimentos violentos o telejornal estaria colaborando com a reprodução da violência na sociedade. Afinal, a mídia com seu poder discursivo pode influenciar o público a demonstrar solidariedade às vítimas e suas famílias e, agir por conta própria em busca de justiça, como destaca Lazarsfeld e Merton em Lima (2005):

Numa sociedade de massa, essa função de desmascaramento público está institucionalizada pelos *mass media*. Imprensa, rádio e jornal expõem divergências relativamente bem conhecidas do público e, como regra, essa revelação obriga a certo grau de ação pública contra o que particularmente foi tolerado. (Lazarsfeld; Merton; Lima, 2005, p.117)

Sobrinho (1995) faz uma crítica a esse pensamento, ele afirma que se a mídia noticia violência, morte e crimes, seria por uma exigência do público que consome. A audiência que estaria ditando o que quer assistir.

É certo que o jornal torna sensacional o *fait divers*, que vai merecer um registro de duas ou três linhas no informativo comum. É certo que essa prática traduz o sentido do termo 'sensacionalista' ao colocar uma "lente de aumento" sobre o fato não necessariamente sensacional. Mas ao fazer esse movimento, ao valorizar a notícia que traduz um fato violento, o jornal sensacionalista está apenas atendendo a um desejo específico de seu público. (Sobrinho, 1995, p. 57).

Um aspecto particular do Cidade Alerta com a abordagem sensacionalista, quase uma identidade linguística do jornalismo do telejornal, é difundir as notícias com um discurso de cunho misterioso, sobrenatural e até "demoníaco". Muitas vezes, há uma associação da imagem do criminoso com a figura do mal, maligno ou diabólico. Oliveira (2011), observa que essa associação ocorre por causa do perfil editorial da emissora, a qual pertence ao mesmo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Manter o discurso com raízes religiosas, mesmo fora do horário da programação cristã é uma estratégia discursiva inteligente. Essa estratégia é percebida, também, no caso do desaparecimento da menina Ana Sophia.

4 METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO

Para compreender como o telejornal Cidade Alerta da Rede Record de Televisão elabora sentidos de espetacularização sobre o caso Ana Sophia, nas reportagens, links ao vivo e nos comentários, utilizaremos como metodologia desse trabalho a Análise de Discurso da linha francesa por:

Consideramos que a AD é especialmente produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos. Esses dois tipos de pesquisa estão em íntima relação, mas podem ser desenvolvidos em momentos distintos e exigem procedimentos específicos. (Benetti, 2010, p.107)

O que nos interessa é perceber um sentido em particular em edições específicas do telejornal, o sentido de promover um espetáculo, o que aqui chamamos de espetacularização. Desta feita, as proposições da Análise de Discurso (AD) são consideradas adequadas como metodologia para ajudar a responder o problema proposto nessa pesquisa: “Como os sentidos de espetacularização são percebidos no discurso do Cidade Alerta no caso Ana Sophia?”.

No processo de comunicação, enunciar e interpretar são movimentos que constroem sentidos e, conseqüentemente, são influenciados por um sistema de significação. Dessa forma, a “análise do discurso transita nesse movimento de instauração de sentidos, em busca da compreensão dos modos de funcionamento de um discurso” (Strelow, 2010, p.24).

Nas próximas seções desse capítulo, abordaremos, de uma forma mais ampla, alguns conceitos sobre a Análise do Discurso de linha francesa, tais como o interdiscurso, as formações discursivas, ideologia, as condições de produção e posição de sujeito, como sendo sujeito do discurso. Trataremos desses temas a luz de autores como Orlandi, Brandão, Benetti e Pecheux.

4.1 A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

A análise de discurso (AD), é uma disciplina criada pelo filósofo e linguista Michel Pêcheux, nos anos sessenta do século vinte na França. Na AD, como o nome já sugere, o discurso é o objeto de estudo. Diferente da Análise de Conteúdos, que considera o texto transparente, a AD avalia o texto na sua opacidade significativa, ou seja, o texto com a ausência de transparência, leva-se em consideração algumas

variáveis que compõe as discursividades, tais como o sujeito, os contextos históricos, sociais, ideológicos e é claro, a língua.

A língua sempre foi instituída como um código que tem por finalidade facilitar a comunicação, conseqüentemente, permitindo a interação social entre os falantes de determinado idioma. Todas as relações entre os indivíduos da sociedade são mediadas por alguma forma de linguagem, podendo ser falada, escrita ou gesticulada. A relação de uma criança com seus pais, de um aluno com o professor ou até uma simples ida ao mercado, quando comerciante e comprador estabelecem uma compra e venda, tem a língua como mediadora de interação.

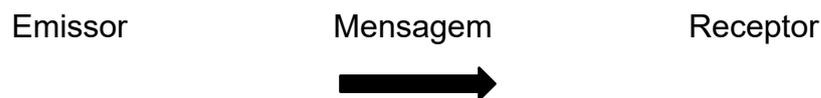
Helena Brandão (2004), afirma que a língua é um fato social⁷. A teoria do fato social do sociólogo e antropólogo Émile Durkheim (1972) propõe que os fatos sociais são maneiras de agir, de pensar e sentir que são exteriores aos indivíduos. Além disso, eles são coercitivos, o que quer dizer que independentemente da nossa vontade, eles se impõem sobre nós. Trazendo essa teoria para o uso da língua, é nítido que desde crianças, quando recebemos a educação, é imposto que todos falem um determinado idioma, ninguém é obrigado a falar, mas é impossível agir de uma maneira distinta, a menos que o objetivo seja ficar afastado do convívio social.

Todavia, mais que uma ferramenta para decodificar signos, a linguagem simboliza um modo de produção social, carregada de significados. É por meio dela, que os indivíduos estabelecem seu lugar no mundo, impondo suas convicções e ideologias, como explica Brandão:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é integração, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (Brandão, 2004, p.11).

No esquema da comunicação, os agentes envolvidos na transmissão de uma mensagem são chamados de emissor, o qual tem algo a dizer, e o receptor, que, como o nome já sugere, é aquele que vai receber a informação. Assim o emissor envia a mensagem para o receptor que, conhecendo o código usado, a língua, decodifica e manda de volta para o emissor uma resposta. Segue o esquema:

⁷ Ver mais em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-fato-social/> . Acesso em 21 out. 2023.



Levando em consideração esse esquema, o emissor envia para o receptor uma mensagem autêntica, ou seja, jamais emitida antes e o faz de maneira linear. Outro fator a ser observado também é que o esquema da comunicação nunca analisa o teor da mensagem a fundo, na verdade essa questão é basicamente ignorada. Na AD, a elaboração e envio de uma mensagem não se trata apenas de transmitir informação, mas de uma prática discursiva complexa:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que um primeiro fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (Orlandi, 2005, p.21).

Pecheux (1961), também entende que o discurso excede a transmissão de uma simples mensagem, para o autor, discurso é o “efeito de sentido entre interlocutores”, de quem fala, chamado de enunciador e, de quem recebe a informação, o destinatário. Ou seja, os enunciados entre os sujeitos falantes se correlacionam através das relações de sentido. Dentro dessa perspectiva, Orlandi (1996), afirma que o objetivo da AD é compreender a língua fazendo sentido, o “objetivo da AD é compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, sendo ele concebido enquanto objeto linguístico-histórico” (Orlandi, 1996, p.56).

A AD se relaciona com outras áreas do conhecimento, as quais são sua base epistemológica, sendo elas a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. No entanto, apesar da AD conversar com tais campos das ciências humanas, ela também questiona conceitos expostos por essas áreas, de forma que:

Se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões do conhecimento - Psicanálise, Linguística, Marxismo - não o é de modo servil e trabalha uma

noção - a de discurso - que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (Orlandi, 2003, p.20).

Desta feita, percebe-se que a Análise do Discurso não é a soma das três áreas citadas, pois ela é dotada de questões singulares com suas próprias problemáticas. A AD se estabelece como uma disciplina de “entremeio”, pois não rejeita o que já foi difundido pelas outras áreas.

A análise do discurso se faz entre a linguística e as ciências sociais, interrogando a linguística que pensa a linguagem, mas exclui o que é histórico-social e interrogando as ciências sociais na medida em que estas não consideram a linguagem em sua materialidade (Orlandi, 2003, p. 14).

A mídia tem um grande poder para massificar discursos e é ciente disso, o que implica dizer que a produção de efeito de um sentido específico por parte de grandes veículos de comunicação, pode estabelecer entre a audiência consensos sociais. Em outras palavras, a mídia pode influenciar a opinião pública em vários aspectos: aquilo que é considerado bonito, feio, desejável, repulsivo, o que deve ser defendido e o que pode ser ignorado. Diante disso, é imprescindível que se analise o discurso midiático, sobretudo o jornalístico, para interpretar as discursividades proferidas nesses ambientes, afinal “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” (Parker, 2002).

Os sujeitos interagem por meio do discurso e, dependendo das situações nas quais esses sujeitos estão envolvidos, eles podem trocar de posição (posição sujeito) constantemente, “O contexto social do discurso determinará seu papel. Os contextos sociais do discurso variam culturalmente, porque as categorias, as instituições e as convenções que determinam o tipo do discurso e suas estruturas variam de cultura a cultura.” (Guimarães, 2010, p. 10).

Em virtude disso, os sujeitos acabam sendo os responsáveis por enunciar e interpretar os discursos, fazendo com que os sentidos percebidos não sejam fixos, constantes ou definidos. Na AD, a lógica da interpretação é a mesma, dependendo do analista, dos dispositivos utilizados, das questões de análise, os conceitos mobilizados podem ser diferentes para um mesmo discurso, gerando sentidos distintos. (Orlandi, 2005).

Isto posto, é correto afirmar que o campo de possibilidades para interpretações de um discurso é imensurável, sobretudo quando diz respeito ao telejornalismo, área do objeto desse estudo, onde existe uma infinidade de elementos comunicativos que agregam à produção de sentidos, tais como: cenário, tom de voz, trilha sonora, imagens e expressões faciais, os quais são capazes de desencadear uma séria de sentimentos nos sujeitos.

Para Pecheux (2015, p.53), a interpretação é, justamente, o “espaço que pretende trabalhar a análise do discurso”. O que condiz com o pensamento de Orlandi (1998), quando afirma que a Análise de Discurso é um ato de interpretação. “A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato” (Orlandi, 2005, p.26).

Ao analisar um discurso de qualquer natureza, é imprescindível considerar a relação do texto com sua exterioridade. As práticas discursivas, bem como as demais práticas, não estão à margem da sociedade e daquilo que engloba os indivíduos como sendo seres ideológicos. Por isso, é de suma importância atentar-se às condições de produção de um enunciado, incluindo a memória discursiva e a situação, uma vez que:

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. (Brandão, 2009, p.11).

Questionar é o ponto de partida para a análise de qualquer enunciado. É relevante ter em mente as seguintes perguntas: De que maneira o enunciado está estruturado? Quem está falando? De que posição essa pessoa fala? Para quem fala? Qual o contexto? é indispensável tentar compreender “o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção” (Brandão, 1998, p.19).

A Análise de Discurso é guiada por esta questão: **como um discurso funciona?** O texto é percebido como o resultado de um processo. O texto é tomado, pelo analista de discurso, como um objeto opaco, complexo e não evidente, que irá ser questionado em busca de seus sentidos, sujeitos ou relações, o que significa levar em consideração os processos que possibilitaram sua existência [...] (Benetti, 2016, p. 243, grifos do autor).

Além de considerar todos os elementos que estão no texto, para interpretá-lo. É importante atentar-se, também, a tudo aquilo que não é enunciado, afinal “a

linguagem serve para comunicar e para não comunicar” (Orlandi, 2005, p. 21). Imagine que um determinado sujeito emita o seguinte enunciado: “vote sem medo”, o intuito da mensagem, aparentemente, é encorajar os eleitores, mas o sujeito não o faz diretamente, pois ao enunciar tal discurso ele deixou de dizer “vote com coragem”. Contudo, mesmo não colocando a oração na forma direta, aquilo que não foi dito também foi comunicado.

4.2 O INTERDISCURSO

No entendimento de Mikail Bakhtin (1997), todo enunciado tem uma ligação com uma cadeia de comunicação, onde ecoa os resquícios de outros enunciados. Quando um indivíduo emite algum discurso, a fala remonta a conceitos pré-estabelecidos dentro do contexto social do falante. Considerando este pensamento, nada do que é dito é autêntico e espontâneo. Tudo o que se fala já foi dito por outras pessoas, em outras épocas. Inclusive, essa pesquisa é prova disso. A pesquisadora está completamente ancorada em dizeres de outros autores, que vieram antes dela. A prática discursiva é uma sucessão de expressões que constituem significados nos indivíduos e para os indivíduos, estabelecendo códigos sociais. (Orlandi 2005).

A interdiscursividade é, justamente, essa relação entre os discursos, a relação do que foi dito agora, com o que já foi falado anteriormente. O interdiscurso é “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2001a, p.31). No interdiscurso, fala uma voz sem nome, (Courtine 1984). Ele é o responsável por fornecer aos sujeitos uma base sócio-histórica e ideológica de informações, as quais irão afetar, diretamente, a forma que se atribui significados aos discursos.

É ele que fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas. E é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma da autonomia. O Outro aí é o interdiscurso. Se assim é para o sujeito também para o sentido as coisas não são diferentes. Para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela faça sentido (efeito do já dito, do interdiscurso, do Outro). A isso é que chamamos historicidade na análise de discurso. (Orlandi, 2006, p.18).

O interdiscurso também é chamado por Orlandi (2005), de memória discursiva, diferentemente de Augustini (2007), a qual traz conceitos diferentes para os

dois termos. De acordo com a autora, o interdiscurso é definido como um “espaço mais amplo, onde coexistem todos os dizeres, os possíveis e os impossíveis, os que já foram ditos e os que ainda não foram ditos e os que ainda não o foram, o lugar, por isso mesmo, de todo o dizer” (p.304). A memória discursiva vai ser “um recorte desse espaço, ela é a responsável pela relação entre um determinado conjunto de sentidos e as suas respectivas formações discursivas. Do todo, apenas alguns sentidos são ativados dentro de uma FD: é nesse processo de ativação que trabalha a Memória Discursiva” (Augustini, 2007, p.304).

Pêcheux define a memória discursiva como aquilo que “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mas tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita”. (Pêcheux, 1995, p.52).

O pré-construído é o elemento responsável por retomar um conhecimento que já existe para que a construção de sentidos seja realizada. (Pêcheux, [1975], 1988). Já o discurso-transverso é apresentado por Pêcheux como a relação daquilo que já foi dito no passado, no caso o pré-construído, com o que está sendo dito no presente.

O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito-falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”. (Pêcheux, 1988, p. 167, grifo do autor).

4.3 A FORMAÇÃO DISCURSIVA

A formação discursiva determina aquilo que pode e deve ser dito, dentro de uma formação ideológica específica, ou seja, a partir de uma conjuntura sócio-histórica particular. Benneti afirma que a (FD) é uma região delimitada de sentidos, a qual corresponde a perspectiva:

O conceito de **formação discursiva (FD)** é fundamental em AS [sic] porque é por meio dele que conseguimos ‘reunir o que está disperso’ ao longo de diversos textos (disperso, mas nucleado pelo mesmo sentido). Basicamente, uma formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e deve ser dito, em uma posição dada e em uma conjuntura dada. Grosso modo, uma formação discursiva é uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia (**formação ideológica**), e o sujeito se posiciona em um lugar para

enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva. A delimitação de uma formação discursiva se dá na relação com outras formações discursivas, em um movimento de tensionamento, complementação ou distinção [...] (Benetti, 2016, p. 240, grifos do autor).

A delimitação de uma formação discursiva norteia a linha de pensamento do discurso. Em um debate sobre a união civil de duas pessoas do mesmo sexo na câmara dos deputados, é provável que a bancada evangélica de parlamentares, inscreva sua fala em uma formação discursiva cristã protestante, a qual será contra o casamento dessas pessoas. É o que se espera, considerando a posição de sujeito e a conjuntura estabelecida. Caso a bancada afirme que é a favor do casamento homoafetivo, os sujeitos inscreverão seu discurso em uma formação discursiva diferente e inesperada, considerando a ideologia teológica dos produtores do discurso. Orlandi (2005), detalha:

Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre serão determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (Orlandi, 2005, p.43).

4.4 O CONCEITO DE IDEOLOGIA

Na AD, a noção de ideologia é pensada através da perspectiva da linguagem, a qual, como já mencionado anteriormente, não é transparente, seu funcionamento não é evidente para quem a utiliza. O funcionamento da linguagem é complexo, ideológico e tem raízes profundas na história. Não há como pensar em produção de sentido e sujeito sem pensar em ideologia, já que a produção do sentido é realizada por quem o enuncia e por quem o interpreta. Orlandi (2005), descreve:

O fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sujeito sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isso quer dizer? Nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir

evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (Orlandi, 2005, p.43).

A ideologia vai indicar as evidências para que todos saibam o significado das palavras, saber o que é um soldado, uma greve, um patrão. Inclusive “[...] evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” (Benetti, 2016, p. 240).

Para Pêcheux (1975), os indivíduos são interpelados em sujeitos (sujeitos de seus discursos) por meio da ideologia. Como se a existência de um ser pensante, dotado de inteligência para elaborar e interpretar enunciados estivesse condicionada a ideologia presente nesse ser. Considerando que o discurso objeto desse estudo está ligado ao jornalismo, os sujeitos que fazem parte da interlocução são: o público que consome o conteúdo do jornal, chamado de audiência e, os jornalistas, que neste caso em particular pode ser o repórter, o apresentador, ou emissora.

Considerando esse conceito de que não há sujeito sem ideologia, o discurso de um jornalismo imparcial e objetivo cai por terra, tendo em vista que o produtor do jornalismo, o jornalista, é um sujeito carregado de subjetividade e ideologia e, transfere essas características para o discurso produzido por ele.

Orlandi complementa afirmando que é nas palavras desses tais sujeitos onde a ideologia vai se materializar; “[...] todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua, que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos”. (Orlandi 2005, p.38).

4.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo para análise dos sentidos de espetacularização produzidos pelo Cidade Alerta no caso do desaparecimento da menina Ana Sophia e, como já mencionado nos itens anteriores, não podemos deixar de considerar todos os elementos que permeiam o período em que os discursos foram produzidos, tais como o contexto histórico, social e ideológico. Duas camadas para a análise estão dispostas no estudo dos sentidos, são elas: “a primeira, a mais visível, é a camada discursiva; a segunda, só evidente quando aplicamos o método, é a camada ideológica (Benetti, 2007, p. 111)”.

Com vistas a responder o problema de pesquisa desse estudo – “Como os sentidos de espetacularização são percebidos no discurso do Cidade Alerta no caso Ana Sophia” – vamos delimitar a análise à primeira semana em que a repórter especial Grace Abdou foi enviada de São Paulo à Paraíba para cobrir o caso. Compõem o *corpus* dessa pesquisa, os vídeos das edições de telejornal, as quais foram transmitidas ao vivo pela Rede Record nos dias 11, 12 e 13 de julho de 2023, O material examinado está disponível na plataforma do playplus.com.

As edições escolhidas são bem significativas para o caso, tendo em vista que a menina foi vista pela última vez em 04 de julho, ainda havia esperanças de encontrar Sophia com vida e, portanto, as equipes de buscas estavam empenhadas a procura da criança. A polícia também fazia seu papel executando diligências e isso estava movimentando muito o pequeno distrito de Roma, principalmente no entorno da casa onde a menina morava com os pais, condições que criavam o cenário perfeito para o surgimento de muitas informações e especulações sobre o paradeiro da menina.

A atribuição da pesquisa foi analisar especificamente o texto e as imagens que foram ao ar nas edições do telejornal do período selecionado – “11, 12 e 13 de julho de 2023” – e identificar formações discursivas que se referem aos conceitos de especulação, sensacionalismo, acusação e espetacularização. Considera-se como texto para fins dessa análise, o conteúdo falado presente em todos os vídeos, sendo eles parte de reportagens, links ao vivo, entrevistas com terceiros e comentários emitidos.

Com a finalidade de compreender os sentidos presentes em um enunciado, o analista deve encontrar paráfrases no texto. De acordo com Orlandi (2003, p. 38), Paráfrases são “[...] a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”. Para isso, “o que fazemos é localizar as marcas discursivas do sentido mapeado, ressaltando as marcas que o representam de modo mais significativo” (Benetti, 2008, p.113).

Após assistir às edições selecionadas do telejornal, foi realizada, em um primeiro momento, a seleção das sequências discursivas (SDs) consideradas de grande relevância para a análise, tendo em vista que havia uma recorrência de sentidos, ou seja, paráfrases. A partir de então, foram identificadas as formações discursivas presentes.

Em um segundo momento, foram analisadas também as legendas que o telejornal usou durante as edições, as quais contém um resumo do que estava sendo

transmitido em momentos específicos e, que de maneira nenhuma poderiam ser ignoradas, pois elas ajudam a produzir sentidos dentro do discurso. Iremos denominar então da seguinte maneira: formações discursivas encontradas nos textos de FDTs, e as formações discursivas encontradas nas legendas, de FDLs, para diferenciar e melhorar a compreensão.

4.6 O CORPUS

Se o objeto de estudo dessa pesquisa fosse um jornal impresso, por exemplo, os recortes para compor o corpus iriam ser os textos da edição desse jornal, tais como reportagens, notas e notícias. Já que se trata de um telejornal, em que nem tudo o que vai ao ar está previamente escrito no roteiro, vamos usar como corpus os vídeos das edições selecionadas do telejornal Cidade Alerta – dos dias 11, 12 e 13 de julho de 2023 – sendo o foco principal da análise, apenas os momentos em que o programa discorre sobre o caso do desaparecimento da menina Ana Sophia nas edições, sendo ignoradas as partes em que são apresentadas notícias referentes a outros assuntos.

De acordo com Orlandi (2003), a definição do *corpus* já é uma etapa propriamente dita dentro do processo da análise do discurso. Segundo a autora: “a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (Orlandi, 2003, p. 63). De acordo com Marquezan (2009, p. 100), “a conversão do corpus consiste na seleção dos temas específicos dentro da temática. A sua validade está relacionada com a importância que os recortes da temática deixam transparecer.”

O tempo de tela em horas, minutos e segundos, de cada edição, será especificado para registro:

Edição do dia 11/07/2023: 02:17:35

Edição do dia 12/07/2023: 02:52:01

Edição do dia 13/07/2023: 02:52:49

5 ANÁLISE DISCURSIVA DO MATERIAL MIDIÁTICO

Após o detalhamento da metodologia adotada para a realização dessa pesquisa no capítulo anterior, partiremos para a análise dos efeitos de sentidos encontrados no corpus. Cada edição do jornal que foi examinada será disposta em um item diferente com sua respectiva análise. Todo item será iniciado com a descrição do teor do vídeo analisado, ou seja, a exposição dos acontecimentos reportados na edição analisada, a fim de ambientar a leitura.

Posteriormente, iremos focar na análise discursiva dos textos presentes na edição relativa aquele item e, dito isto, considera-se como texto para fins dessa análise, os recortes discursivos expressos em todos os vídeos, sendo eles parte de reportagens, links ao vivo, entrevistas com terceiros e comentários emitidos. Serão apresentadas então, sequências discursivas (SD), retiradas do texto para evidenciar cada sentido encontrado. Iremos grifar nas sequências discursivas os trechos que consideramos que ressaltam melhor o sentido referente. Os trechos das SDs foram transcritos na íntegra, desta feita, termos de linguagem coloquiais não foram modificados, com vistas a não alterar o sentido obtido. Vale lembrar que as sequências discursivas podem estar inscritas em mais de uma formação discursiva, desse modo, elas podem conter mais de um sentido.

A partir das sequências discursivas apresentadas, relacionaremos os sentidos encontrados com os conceitos de especulação, sensacionalismo, acusação e espetacularização.

Por último, exibiremos as formações discursivas e sentidos encontrados nas legendas que o telejornal inseriu na edição examinada. As legendas estão contidas no que se chama no jornalismo de GC, são pequenos resumos das notícias que aparecem no rodapé da tela da televisão e, como os demais textos, também formam sentidos, portanto, não podem ser ignoradas. A partir do quadro com as formações discursivas e os sentidos encontrados, apresentaremos a análise.

5.1 CIDADE ALERTA - EDIÇÃO DO DIA 11/07/2023

Nesta edição do programa, Grace Abdou, repórter especial enviada de São Paulo para a Paraíba, vai pela primeira vez à casa da família de Ana Sophia no distrito

de Roma em Bananeiras. Lá Grace entrevista a mãe e o pai de Sophia, o delegado do caso Diógenes Fernandes e um primo da menina. A reportagem faz uma descrição de como era a vida de Ana Sophia, e faz um balaço sobre o contexto e hábitos da família dela, a repórter também acompanha as buscas realizadas pelo corpo de bombeiros. O foco dessa edição é evidenciar dois elementos novos na investigação policial, o primeiro que o delegado afirmou que havia divergências no depoimento dos familiares e, o segundo que existe inconsistências sobre a roupa que Sophia usa antes de desaparecer.

Durante a exibição da reportagem, é usado constantemente o recurso de divisão de telas para que as pessoas vejam a foto da menina, a reportagem e as buscas do corpo de bombeiros, simultaneamente. O símbolo de 'exclusivo' também é usado na logomarca da Rede Record, com vistas a demonstrar para o público que aquele é um conteúdo que só a emissora possui. Ao fundo se ouve uma trilha sonora de tom misterioso, elemento sugestivo que compõe o cenário. Outro fator recorrente são as interferências que o apresentador Luiz Bacci faz durante a exibição do material, para tecer comentários sobre o caso, ao todo nessa edição, são seis interrupções.

Abaixo estão as sequências discursivas (SDs), as quais consideramos, que produzem efeitos de sentidos especulativos e de espetacularização sobre o caso Ana Sophia na edição do dia 11 de julho de 2023. As expressões que enfatizam melhor tais sentidos estão em negrito.

SD1. [...] Nós temos delegados extremamente empenhados que estão neste caso, nós temos policiais não só do município de Bananeiras, na região do distrito de Roma no interior da Paraíba, bem como da capital do estado João Pessoa, que **estão praticamente certos de que essa menina foi vítima de alguma pessoa próxima**, infelizmente essa é a informação. (Bacci, 01:09:51 - 01:10:17). (Grifo nosso).

SD2. [...] **Tudo leva a crer**, pelo menos até agora, seis horas da tarde e dez minutos desse dia onze de julho de que a menina de apenas oito anos, a pequena Sophia, **pode ter sido ludibriada, ter tido a sua ingenuidade aproveitada por alguém** que é do seu convívio para ser levada até um determinado local, **onde dali foi dado um fim no seu corpo, ou então**, na melhor das hipóteses, **um sequestro**. (Bacci, 01:10:18 - 01:10:47). (Grifo nosso).

SD3. [...] **Tudo indica** que uma pessoa de confiança da menina, uma pessoa do convívio quase que diário da criança, **pode estar** por trás do sumiço da Sophia". (Bacci, 01:12:21 - 01:12:35). (Grifo nosso).

Na SD1, o apresentador Luiz Bacci expressa que a polícia está praticamente certa de que alguém próximo a Sophia teria feito algo com ela. Durante esse período, a possibilidade

de que havia ocorrido um crime com Sophia começava ainda a ser discutida, os bombeiros prosseguiram com as buscas a menina e tudo estava ainda em fase embrionária de investigação. No entanto o jornalista afirma, sem nenhuma evidência comprovada, de que alguém da família da menina teria feito algo com ela, uma tese puramente especulativa. Levando em consideração a entrevista do delegado nessa edição, apreendem-se efeitos de sentidos nos dizeres do apresentador que apontam um mera especulação. Diógenes Fernandes afirma que pode ter havido um crime, o que não necessariamente confirma a existência de um ato criminoso e Bacci tem conhecimento disso. “Não é prudente citarmos uma linha prioritária [linha de investigação], pode sim ter havido um crime e é isso que estamos investigando”. (Fernandes, 2023, 01:32:03 - 01:32:12).

Na SD2, além do apresentador reafirmar a tese da SD1 de que alguém da família seria responsável pelo sumiço de Ana Sophia, ele cria situações hipotéticas do que ocorrido a Sophia. Neste tópico, ele transforma a situação em espetáculo, adotando a imagem ingênua da menina como um símbolo de pureza e bondade, dessa maneira, ele manipula os sentimentos do público, afinal quem não tem em casa uma filha, neta, sobrinha, afilhada ou vizinha com o perfil próximo de 8 anos? O propósito parece ser levar o telespectador se sensibilizar com a dor dos familiares, pois poderia ser qualquer pessoa ali na televisão na mesma situação.

Além disso, outro fator pode explicar esse tipo de discursividade que evidencia efeitos de sentidos acerca da inocência de meninas e mulheres. Geralmente em crimes em que as vítimas são do sexo feminino, a exaltação de boas características ou traços amáveis da personalidade delas vem à tona como justificativa para tornar aquela pessoa “não merecedora” da violência. Isso permite que o público assimile, inconscientemente, de que existem pessoas merecedoras e pessoas que não merecem ser vítimas de crimes, sobretudo quando diz respeito a violência sexual. Ao explicitar tais atributos, como os costumes da vítima, é possível apreender que existe uma dualidade, criando no imaginário do público que se o comportamento da menina fosse diferente, ela estaria se expondo, dessa forma sendo culpabilizada, como explica Lima (2012).

A investigação social sobre a contribuição da vítima para a ocorrência do crime está edificada no controle da sexualidade feminina. Na verdade, todos os modelos de conduta apontados como tipicamente femininos são explicados culturalmente como a melhor forma de evitar maiores males. Para as massas, se a mulher é cuidadosa e não se desvia das regras comportamentais do seio

social, certamente terá menores chances de se tornar vítima de violência sexual. Implica dizer que, para o senso comum, normalmente a mulher só é estuprada se der algum motivo, o qual geralmente está imbricado com sua moral sexual (Lima, 2012, p. 17).

Na SD3, o apresentador continua usando expressões que sugerem que alguém próximo da menina é responsável pelo sumiço dela. Tese não comprovada pela polícia, conforme comprova a fala do delegado Diógenes Fernandes emitida dentro daquele contexto específico. “Não, até o momento a polícia civil não tem uma linha de autoria, então se há um autor, um suspeito principal ou não do caso, apenas estamos investigando essas possibilidades de autoria”. (Fernandes, 2023, 01:38:08 - 01:38:21).

Abaixo estão dispostas algumas sequências discursivas que traduzem efeitos de sentidos à acusação e ao sensacionalismo:

SD4. [...] E a polícia agora quer saber, essa pessoa próxima da família que, inclusive, entra na casa de Sophia **mentiu ou se equivocou?** [...], mas **se foi um equívoco** provocado pelo estresse pós-traumático, **onde está o vestido** florido que tinha que estar dentro da casa? (Bacci, 01:14:27 - 01:15:06). (Grifo nosso).

SD5. [...] A polícia disse que alguém mentiu no depoimento, a roupa que a menina utilizava, segundo a mãe, não é a mesma roupa que aparece na câmera de segurança da polícia. Já a polícia tem certeza da acurácia dessas câmeras de segurança, diz que os horários das câmeras de segurança e o dia são corretos. A mãe diz que a menina entra, desfaz o cabelo, a menina aparece com esses cachinhos lindos na imagem da câmera de segurança, teria tirado os cachinhos dentro de casa, tirado o vestido. Se tudo isso aconteceu, **como ninguém pergunta para uma menina de oito anos porque ela estava fazendo isso**, se não era uma situação do cotidiano e fica de olho para onde está indo a menina? (Bacci, 01:50:14 - 01:51:01). (Grifo nosso).

SD6. [...] esse é um ponto fundamental, nós saímos de uma contradição ou de um equívoco, como **você levantou a possibilidade para uma negação da verdade, exatamente para uma mentira**. Claro que esse vestido, considerando-se isso deveria obrigatoriamente está lá dentro, mas não estava. Quer dizer, essa falta de ajuda de colaboração é ainda inexplicável Bacci, porque se **você é da família ou alguém próximo, você tem o maior dos interesses de localizar Sophia, foi o que não aconteceu**. (Percival, 01:15:09 - 01:15:50). (Grifo nosso).

SD7. [...] A investigação vai bem da saída da menina da casa da amiguinha que estava indo para Solânea até ela, supostamente, entrar em casa, **quando ela entra em casa vira uma incógnita essa investigação**, principalmente porque ali dentro da casa entraram outras pessoas na hora. (Bacci, 01:51:05 - 01:51:23). (Grifo nosso).

É perceptível que a todo instante são proferidas discursividades que produzem sentido de acusação direcionada à família de Sophia, eles passam por um julgamento moral, jurídico e social. Por que não observou o comportamento da menina?

Como um vestido some dentro de casa? Mesmo sem nenhuma confirmação de informações pelas fontes oficiais, a polícia civil da Paraíba, a qual está à frente das investigações, os jornalistas continuam fazendo acusações veladas à família, o que é corroborado nas legendas do programa.

Como parte da linguagem do telejornal, entendemos que as legendas usadas na tela durante a transmissão do telejornal, também auxiliam na produção dos sentidos percebidos pelo público. Diante disso, listamos em tabelas como sequências discursivas das legendas SDL, as frases que resumem o que estava em tela no Cidade Alerta em um momento específico e, a partir disso, extraímos as formações discursivas dessas legendas e os sentidos identificados.

Tabela 1: FDs identificadas nas legendas da edição do dia 11/07/2023

SD	TEXTO	FORMAÇÕES DISCURSIVAS	SENTIDOS PERCEBIDOS
SDL1	Urgente no caso Sophia Mistério do vestido da menina: contradição e sumiço da roupa em casa	Mistério sobre o desaparecimento do vestido	Familiares suspeitos tentando encobrir rastros
SDL2	Urgente no caso Sophia Pai da Sophia fala pela primeira vez: contradição na família aumenta mistério	Pai da desaparecida dá sua versão sobre os fatos	Familiares suspeitos
SDL3	Urgente no caso Sophia Vestido florido teria sumido da casa da vítima após interrogatório policial	Mistério sobre o desaparecimento do vestido	Familiares suspeitos e desesperados tentando encobrir rastros
SDL4	Caso Sophia Sumiço do vestido florido em casa é mistério: polícia diz que testemunha mentiu	Mistério sobre o desaparecimento do vestido	Familiares suspeitos e testemunha suspeita
SDL5	Caso Sophia Vestido florido da menina sumiu em casa: polícia quer saber o que aconteceu	Mistério sobre o desaparecimento do vestido	Polícia acha que os familiares são suspeitos

SDL6	Direto da Paraíba Repórter Grace descobre que vestido florido da menina sumiu dentro da casa	Vestido de Sophia sumiu	Familiares suspeitos tentando encobrir rastros
SDL7	Urgente no caso Sophia Informação preliminar: correria teria sido registrada agora após pista	Novas informações sobre o desaparecimento de Sophia	Caso próximo de ser resolvido

Fonte: organizada pela autora

Quase todos os sentidos percebidos nas legendas da edição do dia 11/07/2023, são de que os familiares de Ana Sophia estão envolvidos no desaparecimento da menina.

5.2 CIDADE ALERTA - EDIÇÃO DO DIA 12/07/2023

Nesta edição, a equipe do jornal se empenhou em acompanhar junto ao corpo de bombeiros mais um dia de buscas pela menina, além disso, a repórter e o cinegrafista enviados ao distrito de Roma em Bananeiras, acompanham as diligências da polícia em uma casa abandonada em um terreno que pertence a um tio da menina. De acordo com a equipe de jornalismo, havia terra remexida na casa.

Mais tarde, a repórter aparece ao vivo na casa abandonada. A casa não é, de fato, relevante para a investigação e a teoria das covas foi eliminada pela polícia no mesmo dia, no entanto, a equipe continua por lá, mostrando a casa e os buracos na terra. As vozes entrevistadas nesse dia foram: um oficial do corpo de bombeiros; um morador da cidade; Djalma e o tio da menina dono da casa alvo de buscas, Paulo.

Nessa edição, não identificamos SDs no texto que mereçam destaque aqui. Apenas as SD identificadas nas legendas:

Tabela 2: FDs identificadas nas legendas da edição do dia 12/07/2023

SD	TEXTO	FORMAÇÕES DISCURSIVAS	SENTIDOS PERCEBIDOS
----	-------	-----------------------	---------------------

SDL8	Caso Sophia Exclusivo: Repórter na casa onde cova teria sido encontrada	Informação sobre novo elemento	Sophia foi encontrada morta
SDL9	Direto da Paraíba Caso Sophia: É uma cova em casa abandonada? Corda foi apreendida	Novos elementos no caso	Sophia foi encontrada morta

Fonte: organizada pela autora

Novamente, mesmo a polícia tendo descartado a possibilidade daquela suposta cova está relacionada ao desaparecimento de Ana Sophia, a equipe de reportagem induz a audiência a fazer a relação desses elementos novos com o sumiço da criança. Informação completamente equivocada emitida de maneira deliberada. Um jornalismo irresponsável.

5.3 CIDADE ALERTA - EDIÇÃO DO DIA 13/07/2023

A equipe de reportagem vai à casa de Ana Sophia, entrevistar a mãe dela. A repórter Grace Abdou e o cinegrafista entram na casa e invadem a privacidade da família. Eles gravam no quarto onde Sophia dormia, mostram as roupas e outros pertences da menina. A mãe responde todas as perguntas da repórter, inclusive, perguntas constrangedoras que colocam sob suspeita até paternidade de Sophia. Durante a entrevista, um agente da polícia civil vem buscar a mãe e as irmãs de Sophia para prestar novo depoimento.

Esse momento expõe demasiadamente a imagem da família. É possível observar que as irmãs são pegadas de surpresa, uma sai do quanto se arrumando, a outra está em um cômodo enrolada em um roupão de banho e a câmera grava tudo, como fazem os reality shows.

Seguindo o procedimento metodológico adotado, estão listadas abaixo as sequências discursivas em que o telejornal difundiu um discurso especulativo e de espetacularização:

SD8. [...] O fato de a mãe ser levada às pressas, durante uma operação, **pode ter uma série de fatores**, pode dar uma série de hipóteses (Bacci, 00:45:20 – 00:45:30). (Grifo nosso).

SD9. [...] A mãe da menina Sophia, está sendo levada para a delegacia. Nós estamos acostumados a ver essa cena, em depoimento muito embora depoimento com operação em andamento, dentro da casa é pouco provável. **Quando se encontra algum cadáver**, devido ao estado avançado de putrefação **se leva, também, a família para a delegacia**. (Bacci, 00:46:28 – 00:46:54). (Grifo nosso).

SD10. [...] Será que de uma reviravolta **a garota Sophia, pode estar viva?** Pode **ter aparecido com vida?** Seja na delegacia da cidade, ou então em outra delegacia do Brasil?" (Bacci, 00:59:55 – 01:00:06). (Grifo nosso).

SD11. [...] A polícia sabe, tem uma **informação nova**, tem uma **grande novidade**, aposta no fato de que a mãe de Sophia possa ser um elo com a informação que a polícia acaba de obter. (Percival, 01:02:08 – 01:02:22). (Grifo nosso).

Com a família de Ana Sophia sendo levada para a delegacia de maneira inesperada e, sem mais informações por parte da polícia, a equipe de reportagem especula o que teria motivado essa intimação repentina. Os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso dos jornalistas constituídos na SD9 apontam que Sophia poderia ter sido encontrada morta, a SD10 sugere que a menina poderia ter sido encontrada com vida e a SD11 faz alegações infundadas, pois nada foi confirmado.

De acordo com o anuário brasileiro de segurança pública de 2023⁸, apenas 1,5% das pessoas desaparecidas na Paraíba em 2021 e 2022, foram encontradas. Ao todo 1.057 pessoas desapareceram nos dois anos e 16 foram localizadas. Isso implica dizer que dificilmente uma pessoa desaparecida no estado será achada, com vida é ainda mais improvável.

Esses números de desaparecidos encontrados tendem a se repetir ano a ano, a produção do Cidade Alerta é acostumada a lidar com casos de desaparecimentos e tem consciência disso, sugerir que a menina tenha sido achada com vida, além de ser uma informação falsa, também é uma maneira desumana de tratar o caso. A família e amigos estão aflitos por uma resposta, o jornalista dá esse vislumbre de esperança para depois ser desmentido é, no mínimo, antiético.

Dando seguimento a análise, constam abaixo as SDs em que são percebidos efeitos de sentidos de acusação e sensacionalismo. Sentidos que são produzidos em todas as edições analisadas, sentidos de acusação à família:

⁸ Ver mais: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> . Acesso em 27 out. 2023.

SD13. [...] E **os parentes que realmente querem ter a menina de volta**, os parentes que assim acredito que são todos nesse caso, estamos falando de uma menina doce, de apenas oito anos de idade, **os parentes que estão dispostos a trabalhar junto com a polícia**, a colaborar com as investigações, **que não devem absolutamente nada para a polícia, não devem se sentir desrespeitados**, não devem se sentir atingidos, não devem se sentir preteridos, pelo fato de a polícia investigá-los”. (Bacci, 00:13:53 – 00:14:28). (Grifo nosso).

SD14. [...] Eu não quero nem pensar, **que alguém da família tenha relação com esse caso**”. (Bacci, 00:15:52 – 00:15:57). (Grifo nosso).

SD15. [...] Não quero acreditar que **ninguém próximo** da menina **tenha participação nessa história macabra**”. (Bacci, 00:19:57 – 00:20:03). (Grifo nosso).

Tabela 3: FDs identificadas nas legendas da edição do dia 13/07/2023

SD	TEXTO	FORMAÇÕES DISCURSIVAS	SENTIDOS PERCEBIDOS
SDL10	Agora: Direto da Paraíba Polícia interrompe entrevista e mãe de Sophia levada às pressas para a delegacia	Acusação	Mãe de Ana Sophia é culpada
SDL11	Urgente no caso Sophia Multidão na frente da delegacia: pai da vítima presta depoimento agora	Acusação	Pai de Ana Sophia está envolvido no desaparecimento dela

Fonte: organizada pela autora

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da pesquisa bibliográfica adotada neste trabalho e, com base nas discussões levantadas fica evidente que desde sua chegada ao Brasil, a televisão transformou hábitos e desejos de consumo da população brasileira. Essa mudança está muito atrelada as discursividades presentes na televisão, é através dela que pessoas não alfabetizadas ou com pouca leitura podem se informar, conhecer outras realidades e ter um vislumbre do mundo, das diversas culturas e povos.

O telejornalismo como sendo parte desse meio midiático, tem um grande poder de difundir discursividades e, usa de todos os recursos disponíveis para convencer o público, pois além de contar com a palavra como instrumento, ainda tem o artifício do som e da imagem, itens poderosos que agregam à comunicação, produção de diversos sentidos e legitimação da notícia como atesta Rezende (2000).

Juntos, a TV e o telejornalismo têm a missão social de fiscalizar e denunciar instituições da sociedade, sobretudo instituições públicas, afinal, o público é sempre de interesse do povo. O jornalista como sendo agente fundamental no jornalismo, tem os meios e conhece técnicas para construir as realidades que serão mostradas na telinha. Muitas vezes, essas realidades podem não refletir, de fato, algumas verdades e, conseqüentemente, criam-se estereótipos. Um exemplo disso é quando vemos, o povo nordestino ser retratado sempre como pessoas pobres que vivem em condições adversas de seca. Em outros momentos a realidade apresentada se assemelha mais a uma lógica cinematográfica com dramatização, sensacionalismo e espetacularização, do que com a verdade dos fatos.

Produzir efeito de sentidos de sensacionalismo e espetacularização no telejornalismo, por sua vez, mostrou-se uma fórmula eficiente de atrair o público para a frente da TV. Uma prática adotada pelo telejornal Cidade Alerta da Rede Record, desde a sua estreia.

Abordando os conceitos da Análise do Discurso francesa, método de pesquisa desse trabalho, pode-se perceber que não existe discurso imparcial, uma vez que os indivíduos que produzem e interpretam os enunciados são seres dotados de ideologia e, que a ideologia por sua vez é transferida ao discurso de quem fala, o que quebra aquela falácia de que existe um jornalismo imparcial. Além disso, tudo o que se fala já foi dito, anteriormente, por alguém em outro contexto o – interdiscurso – o que atrela significados diversos a um mesmo enunciado.

Levando esses conceitos em consideração e, delimitando os objetivos e o corpus dessa pesquisa, podemos constatar que as discursividades produzidas pelo Cidade Alerta na cobertura do caso Ana Sophia nos dias 11, 12 e 13 de julho de 2023, são carregadas de vários efeitos de sentidos, os quais parecem ser imperceptíveis em um primeiro momento, mas que ao aplicar o método da AD se revelam ao analista.

O discurso jornalístico que deveria ser baseado em fatos e informações concretas dá lugar a um discurso opinativo, especulativo, sensacionalista e dramático. As falas identificadas com maior incidência desses sentidos, em sua grande maioria foram emitidas pelo apresentador do programa, que, aliadas a trilha sonora, imagens, postura, entonação de voz e poder de retórica de Luiz Bacci, se transformam em discursos poderosos.

Duvidar da índole da família de Ana Sophia, no caso do desaparecimento da menina, é resultado desse discurso emitido no programa. A todo instante direto ou indiretamente a família é acusada ou colocada como suspeita. Emitir enunciados dessa natureza, em um caso de investigação policial é extremamente nocivo, pois pode influenciar moradores a fazerem justiça com as próprias mãos.

Assistindo as edições selecionadas do Cidade Alerta é possível perceber também, um exagero da importância da notícia do desaparecimento de Sophia, pois trata-se de uma pauta regional da Paraíba que fica em evidência em um jornal nacional durante vários dias, o que não teria muita lógica jornalística, afinal existem muitas outras notícias que têm maior interesse nacional. Tal prática é muito associada ao sensacionalismo.

Além disso, pode-se constatar que o programa produz efeitos de espetacularização usando diversos elementos, a teatralização do apresentador no estúdio, as falas de teor opinativo com verbos especulativos e, a exposição demasiada do fato e das pessoas envolvidas como o delegado do caso, o pai e, sobretudo, o uso indiscriminado da imagem, falas e intimidade da mãe de Ana Sophia. Discursividades que se enquadram nos três atos do espetáculo descrito por Perseu Abramo (1998) primeiro a exposição do fato, depois a sociedade fala e por último a autoridade resolve.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ASSIS, Cássia Lobão. Mídia e mobilidade urbana: abordagens das indenizações a motociclistas acidentados. **esferas**, [Brasília], n. 14, p. 88-96, 13 ago. 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/9819>. Acesso em: 29 out. 2023.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA LIMA, Fernando. **Televisão e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985. (Coleção Brasil os anos de autoritarismo).

BARBOSA, Gustavo. RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. Editora Campus. 5 edição. 2002

BARCELOS, THAIANNY PONTES. **Análise Da Construção De Sentidos Sobre O Feminismo No Discurso Da Revista *Elle***. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2017.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia, n. 15, p. 13-28, 2008.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, M.H.H.N. **Subjetividade, Argumentação e Polifonia – A propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BRANDÃO, M.H.H.N. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

CANTORI, Wagner Roberto Lopes. **OS SENTIDOS DA “CIÊNCIA” NO AR**: uma análise discursiva da produção do efeito de objetividade na editoria ciência da Rádio CBN. UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. 2009.

COURTINE, J.J. Définition d’Orientations Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours”. in **philosophiques**, Paris, v. 9, n. 2, 1984.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURKHEIM, E. "O que é fato social?" In: AS REGRAS do Método Sociológico. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. p. 1-4, 5, 8-11.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FENAJ - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, Vitória, 4 ago. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf Acesso em: 26 out. 2023.

FERNANDES, Rômulo Magalhães; AZEVEDO, Anna Carolina de Oliveira. OS PROGRAMAS “POLICIALESCOS” E O ESPETÁCULO DA BARBÁRIE: um estudo à luz da proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Direito Constitucional Aplicado**, [S.], v. 2, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura>. Acesso em: 26 out. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

FRANZONI, Sabrina; FURTADO, Thaís Helena. A posição sujeito do ombudsman como estratégia de credibilização do discurso jornalístico. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 115–130, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19381>. Acesso em: 29 out. 2023.

GABLER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

GADINI, Sérgio Luiz. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 79–88, 2007. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3438>. Acesso em: 29 out. 2023.

GOMES, Itania M.M. **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/9wgn/pdf/gomes-9788523211998.pdf> . Acesso em: 29 out. 2023.

GUIMARÃES, Elisa. **Linguagens do texto e discurso**. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/viewFile/3112/2611> . Acesso em: 26 out. 2023.

GUARESCHI, Pedrinho A. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul.-dez. 2007. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/seermigrando/ojs/index.php/debates/article/viewFile/2505/1286>

LAZARSELD, Paul F. MERTON, Robert K. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. *In*: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. 7.ed. São Paulo: Paz e terra, 2005.

MACHADO, Marcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: Uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 1, n. 14, 1-11 jan./jun. 2006.

MANNE, K. **Down Girl: the Logic of Misogyny**. New York: Oxford University Press, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MARQUEZAN, Reinoldo. A constituição do corpus de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Santa Maria, v. 22, n. 33, p. 97-110, jan./abr. 2009.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. [S.]: Faculdade Santa Amélia SECAL, [200/?]. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 26 out. 2023.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX**. [S.l. : s.n], 2007.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1998.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Discurso e Leitura**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

_____. **O Discurso: estrutura e acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1995.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1988.

PEREIRA, Ana Carolina Castilho; FERREIRA, Mayra Fernanda. Personagens anônimos no telejornalismo: humanização ou espetacularização da notícia? Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR: Intercom, 2017.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; ROCHA, Heitor Costa Lima da. Jornalismo construtivista: algumas considerações epistemológicas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 746–764, set./dez. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10380>. Acesso em: 29 out. 2023.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccininfabiana-telejornalismo-ameicanoeuropeu.html>. Acesso em: 27 out. 2023.

PORTO, M. S. G. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, RS, v. 8, jul./dez., p. 152-171, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a07.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**: Petrópolis: Vozes, 1999.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Marcia Veiga da. Jornalista, o lado da notícia. **Vozes e diálogo**, Itajaí, v. 11, n.1, p. 55-67, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/3359>. Acesso em: 29 out. 2023.

SILVEIRA, Patrícia; MARÔPO, Lidia. Jornalismo e construção social da realidade: um contributo para o debate teórico. **Revista Comunicando**, [Lisboa], v. 3, n. 1, p. 7-19,

30 dez. 2014. Disponível em:
<https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/issue/view/8>. Acesso em: 29 out. 2023.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SOUZA, Anamaíra Pereira Spaggiari. Jornalismo policial sensacionalista: entre a audiência e a função social. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. 2009, Curitiba, PR. **Anais** [...]. Curitiba, PR: Intercom, 2009.

STRELOW, Aline. **Análise Global de Processos Jornalísticos**: uma proposta metodológica. [S.]: EDIPUCRS. 2010.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo. Universidade Federal de Santa Maria/ Unipampa São Borja. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. 2009, Curitiba, PR. **Anais** [...]. Curitiba, PR: Intercom, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.